



Na longa viagem ao Exterior, a afirmação do político e do estadista

Arquivo

Mesmo sem mandato, 'uma obra de estadista'

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

PARIS — "Tancredo Neves, mesmo não tendo exercido seu mandato, cumpriu neste mês uma obra extraordinária de estadista." Entre as inúmeras manifestações registradas na França, essa, do professor da Escola de Altos Estudos de Ciências Sociais de Paris, o sociólogo Alain Touraine, talvez resuma melhor o sentimento e a repercussão na França da morte, após um longo calvário, do presidente brasileiro. Segundo Touraine, "o País está mais sólido e mais maduro para a democracia. É verdade que o Brasil enfrenta sérios problemas econômicos e sociais e a morte de Tancredo poderá ter agravado a situação, mas nem assim o processo democrático deixou de avançar".

Em mensagem de condolências enviada ao presidente José Sarney, Mitterrand qualificou de "imensa perda" para o Brasil a morte de Tancredo, assinalando: "Tive a honra de receber o presidente Tancredo Neves na França, pouco depois de sua eleição, e estou consciente da imensa perda sofrida pelo seu País. Em nome do povo francês, quero enviar-lhe minhas sentidas condolências e a expressão de minha lamentação pessoal. Meu país considera com o maior interesse e uma viva simpatia a ação empreendida pelo presidente Tancredo Neves e formula votos amistosos e sinceros pelo bem do povo brasileiro".

A morte de Tancredo e sua sucessão pelo vice Sarney está provocando dois tipos de reação nos meios políticos e financeiros europeus. Um de natureza política, onde se realça a maturidade da classe dirigente e da própria população brasileira durante os 40 dias do drama que envolveu o presidente desaparecido, ambas convencidas de que melhor solução para garantir o prosseguimento do processo democrático é exigir o cumprimento da Constituição e a manutenção das instituições. Mesmo que Sarney esteja longe de reunir em torno de seu nome o mesmo nível de apoio

recebido por Tancredo, um verdadeiro consenso nacional, representa a melhor solução para o País nesse momento delicado de sua vida política e institucional.

A mesma reação otimista em relação ao futuro político do país não se constata junto aos meios financeiros franceses, que manifestavam certo temor em relação à evolução da situação econômica brasileira sem Tancredo Neves. Isso porque, na sua ausência, os brasileiros poderão não aceitar da mesma forma o plano de rigor e austeridade imposto pelo Fundo Monetário Internacional ao País. Já não seria fácil para Tancredo fazer com que a população aceitasse mais uma pilula amarga nos



O BRASIL SEM TANCREDO

próximos meses, mas, com Sarney, isso será bem mais difícil. O primeiro teste veio ainda durante a doença de Tancredo, quando já se conhecia a irreversibilidade de seu estado, com a deflagração da greve dos metalúrgicos em São Paulo.

Essas áreas financeiras sabem que Sarney não reúne o mesmo tipo de apoio junto à coligação governamental, sendo contestado por importantes setores do próprio PMDB. Mas a solução dos problemas mais espinhosos desse País se tornou tão urgente que os problemas econômicos poderão acabar ajudando Sarney

a conter áreas da coligação que não aceitam sua ascensão. A preocupação dos meios financeiros europeus com Sarney não é de ordem econômica ou ideológica, pois sabem que a tendência do novo presidente é manter a política que se desenhava com Tancredo, mas de ordem puramente política. Elas temem que ele não tenha força suficiente para impor a política econômica que o ministro Francisco Dornelles, da Fazenda, vinha tentando timidamente aplicar em nome de um Tancredo já doente neste início de administração. Cita-se a recente tentativa de ressuscitar o plano de emergência da "Copag", comissão criada por Tancredo logo após sua eleição, mas cujas recomendações foram devidamente arquivadas por Dornelles. Esse plano, destinado a adotar medidas de urgência na área social, já provocou as primeiras divergências nos ministérios econômicos e também os primeiros temores dos setores financeiros internacionais mais ortodoxos aqui na Europa e que pregam soluções duras para que o País possa restabelecer seu equilíbrio econômico e contar com o apoio do FMI e dos grandes bancos comerciais envolvidas com sua dívida externa. O desejo do País ultrapassar a crise atual por um crescimento sadio, através de uma negociação com o FMI e seus credores internacionais, tem sido elogiado na Europa pelos meios financeiros, mas não se pode esquecer que, mesmo reconhecendo as boas intenções brasileiras, o clima internacional não é favorável. O anúncio de que a retomada econômica norte-americana não se dará nos níveis esperados ameaça prejudicar as exportações latino-americanas.

Nesse caso, o Brasil, que obteve excedentes recordes no ano passado, o que lhe permitiu pagar o serviço da dívida sem recorrer a novos empréstimos, será um dos países mais penalizados do Continente. A crise da dívida do Terceiro Mundo, que alguns economistas consideravam superada no início deste ano, poderá reaparecer perigosamente, ameaçando novamente com ruptura o próprio sistema monetário internacional.